

TEATRO DAS MEMÓRIAS BIOCULTURAIS: para uma nova terapêutica da memória*

THEATER OF THE BIOCULTURALS MEMORIES: for a new therapeutics of memory

TEATRO DE LAS MEMORIAS BIOCULTURAIS: para una nueva terapéutica de la memoria

Alexandre Fernandes Corrêa

Resumo: O teatro das memórias pensado a partir da mitologia grega, especialmente dos mitos de Deméter e Perséfone. Trata-se de uma reflexão sobre as práticas de preservação na contemporaneidade através de aproximações com matrizes teóricas da etnologia, psicanálise, dramaturgia e mitologia. Neste breve artigo, analisam-se alguns aspectos relacionados aos processos modernos de resignificação dos signos identitários dos grupos étnicos, das minorias e dos marginalizados pela lógica cultural burguesa hegemônica. Um novo trabalho da memória parece indicar novas práticas políticas na área da cultura; entre as quais sobressaem os chamados novos patrimônios: novas práticas e novos lugares da memória se insinuam, inaugurando uma nova etapa na preservação dos bens e acervos patrimoniais bioculturais na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Patrimônio. Memórias sociais. Biocultura. Educação. Teatro.

Abstract: The theater of the memories reflected from mythology Greek, especially of myths of Demeter and Persephone. One is about a reflection on practical of preservation in the present time through approaches the other theoretical matrices as the ethnology, psychoanalysis, dramaturgy and mythology. In this article, it is longed for to analyze some aspects related to the modern processes of to re-meaning of the identity signs of the ethnic groups, the minorities and the kept out of society ones for the hegemonic bourgeois cultural logic. A new work of the memory seems to indicate new practical politics in the area of the culture; between which patrimonies detach the new calls: new practical and new places of the memory if insinuate, inaugurating a new stage in the preservation of the goods and biocultural patrimonies quantities in the Brazilian society.

Keywords: Patrimony. Social memory. Biocultura. Education. Theater.

Resumen: El teatro de memorias iluminadas de la mitología Griega, especialmente los mitos de Deméter y Perséfone. Este-reflexión sobre las prácticas de preservación de contemporaneidad mediante aproximaciones matrices de etnología teórica, el psicoanálisis, dramaturgia y mitología. En este breve artículo, si analiza algunos aspectos relacionados con procedimientos modernos de re-significación signos de identidad del grupos étnicos, las minorías y los marginados por hegemónico burgués cultural lógica. Un nuevo trabajo de memoria parece indicar nuevas prácticas políticas en el ámbito de la cultura; entre los que llamado nuevo patrimonios: nuevas prácticas y nuevos puestos en la memoria forma, inaugura insinúan si una nueva etapa en la preservación de bienes y de las colecciones en la sociedad Brasileña bioculturais.

Palabras-clave: Patrimonio. Memoria social. Biocultura. Educación. Teatro.

*Chega sempre um tempo onde é preciso
escolher entre a contemplação e a ação.
A. Camus.*

1 INTRODUÇÃO

Desde os antigos gregos que há uma percepção da importância do trabalho da memória para o desenvolvimento pleno do indivíduo e a coletividade humana. Introduzindo o problema da gestão política das memórias sociais

e naturais na contemporaneidade, propomos uma breve reflexão antropológica partindo dos mitos de Deméter e Perséfone, e introduzindo também algumas aproximações com a Psicanálise freudiana. Fazemos também uma incursão no campo mais circunscrito das teorias da memória social e do patrimônio cultural na atualidade.

Nos estudos e pesquisas realizados no Grupo de Pesquisas e Estudos Culturais (CRISOL/UFMA) a aproximação com a mitologia grega ofereceu uma nova e sur-

* Texto originalmente apresentado na VII Reunião de Antropologia Norte/Nordeste em Recife (UFPE), novembro de 2001. Coordenação do GT "Patrimônio, Memória e Relações Interculturais" (ABANNE).
Artigo recebido em abril/2010
Aprovado em julho 2010

preendente abertura interpretativa que redimensionou nossas pesquisas sobre as práticas sócias nessa área do conhecimento. De fato nas sociedades humanas, e também nos indivíduos, percebemos que os conflitos dramatizados nos mitos gregos referidos simbolizam efetivamente processos profundos do inconsciente social-histórico.

Os temas aqui enfocados levam em conta especialmente os fenômenos ligados aos mecanismos conhecidos como de 'repressão' e 'recalque'. A questão do recalçado, do reprimido, do esquecido, do inconsciente, do trauma primitivo, etc., pode comportar uma série de interpretações não só psicológicas, mas socioculturais, sendo umas mais apropriadas que outras às questões aqui enfatizadas. Nosso intuito não é ilustrar com antigas figuras clássicas um raciocínio esotérico, mas re-aproximar dimensões do mundo psicossocial ainda consideradas como irremediavelmente separadas. Nosso pensamento, como se verá, percorre fronteiras entre alguns discursos e saberes pouco incentivados pelo academismo estabelecido. Por conseguinte, adiantamos desde já, nossa perspectiva é confessadamente transdisciplinar¹.

Antes de seguir na apresentação de tópicos referentes à reflexão sobre a ação cultural na área do patrimônio cultural e da memória social realizada pelo grupo de pesquisa e estudos culturais (CRISOL²), será útil oferecer uma visão sumária do mito de Perséfone, que servirá como moldura para a reflexão mais ampla que vamos desenvolver.

2 O MITO DE PERSÉFONE

Condensando a narrativa mítica temos na Mitologia Grega que Perséfone é filha de Zeus, Rei de todos os deuses gregos, e de Deméter, considerada a Deusa da fecundidade, remetendo ao arquétipo da Terra-Mãe. O mito de Perséfone tem seu simbolismo ligado a um núcleo lendário cósmico: reside por três estações na terra (9 meses ao ano) e uma estação (o inverno), nas trevas. Por três meses em todos os anos Perséfone se torna companheira de Hades (Plutão) – Deus dos Mortos ou do Mundo Inferior. Hades é seu tio (irmão de Zeus), seu raptor e será seu marido. Perséfone foi capturada após ter sido atraída pela beleza e o aroma da flor de Narciso, armadilha da mais bela flor que já se viu. Ao contemplar tal beleza e inalar seu perfume, o chão se abriu e Hades a raptou para o *Mundo das Profundezas*. Sua mãe Deméter passou um longo período em sua busca, percorrendo toda a Hélade Grega. Demonstrando seu desespero, a Deusa Mãe, que havia oferecido o segredo do pão

à humanidade, fez secar todos os cereais e toda a Terra se torna estéril, instaurando a fome e a desgraça. Zeus, depois de muitos apelos, resolve se encontrar com Deméter e a convence de que deve aceitar as núpcias de sua filha Perséfone com Hades.

Como sua prisioneira, Hades, através de um estratagema, garantiu o laço eterno de Perséfone convencendo-a comer uma semente de romã, antes do seu reencontro com a Mãe. Perséfone conta à Deméter como foi seduzida por Hades e que comeu a semente a contragosto. A semente da romã, que condena aos infernos, é um símbolo das doçuras malélicas e possuía, na Grécia antiga, um simbolismo ligado a culpa e a falta. Em Roma, Perséfone foi identificada com Prosérpina, mas era chamada ainda de Cora, a jovem.

É excessivo fazer de Perséfone exclusivamente a *Deusa dos Infernos*; simbolizaria antes a seguinte parábola: "*Se o grão morrer, não dá colheita*". Desempenha assim um papel muito importante nas religiões de mistérios e especialmente nos ritos de iniciação de Elêusis, nos quais era bem possível que simbolizasse o candidato à iniciação, que passa pela morte para renascer, atravessando as trevas para subir ao Céu.

Segundo a interpretação psicanalítica de Paul Del, no livro *Le symbolisme dans la mythologie grecque*, Perséfone seria o *símbolo do recalçamento*. O sentido oculto dos mistérios de Elêusis consistiria "*na descida ao inconsciente a fim de libertar o desejo recalçado (a fim de buscar a verdade sobre si mesmo), o que pode ser a mais sublime das realizações*". E como Deméter (que é diferente de Gaia e Réia, por ser a deusa da terra cultivada) deu aos homens o pão (o trigo), símbolo do alimento espiritual, dar-lhes-á também o sentido verídico da vida: "*a sublimação-espiritualização do desejo terrestre, i.é, a libertação com respeito a toda exaltação como a todo recalque*".

Como podemos ver inscrito no mito de Perséfone, criado há tantos séculos, essa narrativa simboliza que o ser humano não vive sem um trabalho de elaboração psíquica do seu lado obscuro, efeito do jogo dos esquecimentos, das lembranças e, por conseguinte, dos recalques. A hipótese com a qual trabalhamos aqui considera que a partir da tomada de consciência – que pode se dar espontaneamente ou através de terapia – recupera-se o sentido perdido, aquilo que deve ser retomado para ser ultrapassado; tanto no plano coletivo, quanto individual. Para compreendermos melhor esse processo é imprescindível incorporar alguns conceitos da Psicanálise, para avançarmos na reflexão.

3 AS OUTRAS MEMÓRIAS

As memórias bioculturais dos diversos grupos socioculturais formadores da sociedade brasileira, constituídos por variados grupos de imigrantes, afro-descendentes e populações indígenas autóctones, são tomadas aqui como o *recalcado*³ na política do patrimônio nacional, centrada prioritariamente na preservação da cultura européia. Parece que chegou a hora de colocarmos em xeque o eurocentrismo dominante na política convencional dos "tombamentos" consagrados na 'fase heróica', dedicados, quase que exclusivamente, aos patrimônios arquitetônicos de "pedra e cal" protegidos pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de 1936 até a década de 80 (GONÇALVES, 1996).

A partir de incursões na teoria da memória social e em alguns textos psicanalíticos vamos aprofundar reflexões pertinentes às problematizações indicadas, partindo das sugestões invocadas pelo trabalho de elaboração psicocultural implícito na narrativa mítica recolhida da mitologia grega.

No Brasil, de um modo geral, temos reconhecido o que chamamos de patrimônio consagrado, centralizado nas políticas oficiais dos órgãos municipais, estaduais e federais de cultura. Outro grupo de bens e acervos, do qual trataremos mais especificamente, é o do patrimônio não-consagrado: chamados *novos patrimônios*, por aparecerem no cenário patrimonial mais recentemente. Esses *novos patrimônios* são índices do que estamos chamando aqui de *retorno do recalcado*, na política do patrimônio nacional.

Nosso exercício reflexivo é tentar compreender as nuances desse movimento pendular, que vai do patrimônio oficial num polo, ao descentramento elíptico efetuado a partir dos chamados patrimônios não-consagrados, no outro polo. Nosso objetivo é tentar esmiuçar alguns traços característicos das particularidades dos dois pólos distinguidos: signos de posturas características na ordem do discurso patrimonial brasileiro.

Logo de início, é preciso afirmar, que nossa análise não é isenta, ou neutra. De imediato percebemos que é necessário operar um descentramento nas políticas de patrimônio que se voltaram tradicionalmente para a herança cultural dos portugueses, e dos outros grupos europeus dos períodos colonial e imperial. Portanto, tomamos partido deliberado por um dos polos de nosso pêndulo imaginário. A razão para esse gesto político vai se apresentar a seguir. Todos nós constatamos com facilidade que foi negligenciada reiteradamente a cidadania para os acervos de outros grupos

socioculturais formadores do país, que não se ligaram exclusivamente à aristocracia colonial portuguesa, ou européia.

Acreditamos que operando um descentramento nas políticas patrimoniais, reabilitaremos as nossas memórias sociais e naturais recalçadas. Como dizia Aloísio Magalhães (1985, p. 15), a arte e a cultura popular estavam "encobertos debaixo de um tapete europeu". Chegou a hora de tentar mudar esse quadro de referência cultural limitado e estreito.

O surgimento de *novos patrimônios* coloca em xeque aqueles procedimentos técnicos ligados ao instituto do tombamento convencional. Devemos procurar novas formas de acautelamento e proteção destes bens culturais ditos imateriais⁴ (ou intangíveis ou etnográficos⁵). Esses *novos patrimônios* modificam o suporte científico no qual foi assentado todo o saber patrimonial (histórico e arquitetural) dos períodos anteriores, fazendo surgir novos pontos de referência em relação aos quais se vai situar, explicitamente, ou, melhor dizendo, *desdobrando o seu centro* (CORRÊA, 2008). Ressalta-se que nossa posição não é aquela de abandonar as conquistas do instituto do tombamento, mas tentar ir mais além, no trabalho de proteção de uma nova geração de bens e valores culturais e sociais em risco de desaparecimento na nova fase de internacionalização do capital, a chamada globalização (ou mundialização), incrementada a partir da década de 1990⁶.

Não poderia ser outra nossa hipótese de trabalho, pois constatamos que as culturas latino-americanas são produto de sínteses, sem um centro determinante. Essa é uma característica da cultura barroca (CORRÊA, 2009a)⁷. Na fusão das paisagens e das populações, há sempre várias línguas e culturas que se expõem e o centro não está em parte alguma. Portanto, a prospectiva patrimonial não pode seguir a trajetória centralizadora e preconcebida do patrimônio oficial dominante, que toma sempre as culturas européias como pilar organizador do imaginário patrimonialista. Nossas sociedades têm projetos pluralistas nas suas bases históricas; afinal qual sociedade não as tem? A diferença é que na América Latina nós instituímos o imaginário da interculturalidade, e nas sociedades do Velho Mundo, não (CANCLINI, 2003). Devemos, então, desvendar o véu posto nos nossos olhos pela política colonialista, que nos tem impossibilitado de ver a complexidade do processo das memórias sociais⁸ de nosso continente; por tantas e tantas décadas.

Parece-nos que se faz necessário pensar urgentemente em novas formas de resistência e superação política na ação cultural. O

primeiro passo, parece-nos, é propor novas ações culturais para a proteção, preservação e promoção dos bens culturais ditos imateriais ou intangíveis ou etnográficos, sob novas bases conceituais e teóricas, advindas do processo de descolonização do imaginário a partir da crítica profunda das raízes colonialistas eurocentristas. Porém, antes de prosseguir nessa direção propositiva, daremos algumas indicações sobre o porquê de nos aproximarmos da Mitologia e da Psicanálise na pesquisa sobre a memória e o patrimônio. Neste sentido, reafirmamos que nosso trabalho só pôde avançar seguindo seu trajeto na direção de uma transdisciplinaridade, complementado por uma contextualização crescente.

4 PARA UMA NOVA TERAPÊUTICA DA MEMÓRIA

Partimos agora da ideia da *outra memória*, aproximando-nos de alguns princípios da Psicanálise, explicitados a seguir. Isso se faz de acordo com a proposta do sociólogo e filósofo francês Henri-Pierre Jeudy, no seu livro *Memórias do Social* (1990). Nesse caminho sugerido consultamos o *Vocabulário da Psicanálise* (1992), de Laplanche e Pontalis. Nessa obra encontramos dados interessantes, que marcam o ponto de virada no trajeto transdisciplinar, proposto aqui. Como podemos ler no verbete '*A Posteriori*', observamos que esse termo é utilizado no mesmo sentido que outro termo técnico da psicanálise, qual seja, *après-coup* (*subst., adj. e adv.*), termo mais usado em língua francesa. Contudo, essas duas palavras vêm do alemão *Nachträglichkeit* (*Subst.*), *Nachträglich* (*adj. e adv.*).

Esses termos em língua alemã foram frequentemente usados por S. Freud, especialmente com relação à temporalidade e à causalidade psíquicas. Existem experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, no acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então lhes ser conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica.

Sigmund Freud afirmou desde o início que o sujeito modifica *a posteriori* os acontecimentos passados e essa modificação lhe confere um sentido e mesmo uma eficácia ou um poder patogênico. Citamos uma correspondência muito conhecida de S. Freud dirigida à Fliess (6-12-1896):

(...) Tú sabes que trabajo con el supuesto de que nuestro mecanismo psíquico se ha generado por estratificación sucesiva, pues de tiempo en tiempo el material preexistente de huellas mnémicas experimenta un reordenamiento según nuevos nexos, un retrascrípción [Umschrift]. Lo esencialmente nuevo

en mi teoría es, entonces, la tesis de que la memoria no preexiste de manera simple, sino multiple, está registrada en diversas variedades de signos (FREUD, 2007, p. 274).

Nosso objetivo, ao tratar rapidamente dessas conceituações psicanalíticas, é indicar uma possível aproximação, e seu uso, no que chamamos aqui de prospectiva patrimonial. O que Henri-Pierre Jeudy designou de *outra memória* está intimamente ligado a uma incursão básica nos conceitos de *après-coup* e *a posteriori*. Esses dois conceitos-chave sintetizam muito bem o significado fundamental da idéia aqui aplicada de uma "nova terapêutica" no trato da memória e do patrimônio: frisamos a tese freudiana de que "a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, e está registrada em diversas variedades de signos".

Cabe considerar nesse particular que a pertinência dessa proposta se dá num momento importante do processo de gerenciamento das memórias sociais e naturais, no atual estágio do capitalismo. No contexto de aceleração dos processos de globalização e mundialização – chamado por uns de 'pós-modernidade' (JAMESON, 1996), por outros de 'hipermodernidade' (LIPOVETSKY, 1989) ou 'supermodernidade' (AUGÉ, 1994) – observamos a importância de um 'trabalho de luto' voltado para as supostas perdas de identidades culturais e sociais. Um quadro obsessivo gerado por ansiedades de diferentes agentes sociais e culturais invocam uma reflexão aprofundada sobre o alcance dos efeitos terapêuticos de um gerenciamento polifônico das memórias, na sociedade atual. Nossas pesquisas são inspiradas nesse princípio de alargamento de nossa visão sobre os alcances de um trabalho transdisciplinar necessário e urgente. Contudo, se alguma pretensão temos, nesse texto, é estreitar as relações teóricas e práticas entre a Antropologia Simbólica e a Psicanálise, no trato das questões aqui desenvolvidas, pertinentes as duas áreas do conhecimento. Afinal, as relações entre esses saberes não se restringem aos pontos aqui traçados, indo muito mais além e tendo uma longa data de inspirações recíprocas⁹.

5 O TEATRO NEO-SIMBÓLICO

Destarte, a emergência dos chamados "novos patrimônios" pode ser considerada como um tipo paródico de *retorno do recalcado*. Henri-Pierre Jeudy já indicava este movimento quando refletia sobre o *social*, como *objeto de museologia*:

A similitude com um procedimento psicanalítico é quase evidente, mesmo que essa similitude seja essencialmente paródica. O social no museu mostra-se como o próprio possível de uma supressão do

recalque, as memórias do social podem a partir daí invadir toda a vida presente, não mais no sentido de apenas uma reabilitação, mas transtornando de um modo ideal as sedimentações das representações da lógica cultural burguesa. A militância encontra um renascimento e uma relativa unidade posto que esse trabalho sobre as memórias coletivas necessita de um consenso em torno do tratamento incisivo infligido ao sistema da cultura burguesa. O trabalho social reforça ao mesmo tempo sua função terapêutica, promovendo-se a instância decisória da gestão das memórias, e sua própria historicização, tornando-se o árbitro do devir do social (JEUDY, 1990, p.33).

A hipótese defendida neste breve artigo é aquela em que o recalcado na política do patrimônio nacional é o complexo constituído pelas memórias sociais das diferentes culturas (etnias) dos imigrantes, dos afro-descendentes e das populações indígenas autóctones. Perceber criticamente essa dimensão negativa e negligente da política patrimonial vem colocar em xeque a política convencional dos “tombamentos” consagrados na fase heróica, como aqueles realizados em relação aos patrimônios arquitetônicos e históricos de “pedra e cal” (CORRÊA, 2008). Cabe, então, uma reflexão profunda sobre a importância central da reabilitação das memórias dos diversos grupos socioculturais constituintes de nossa sociedade. Os processos de mudanças atuais que estão ocorrendo nas políticas do patrimônio, no Brasil, parecem seguir na direção de uma crítica contundente dos pressupostos pseudo-eruditos e europeucêntricos. Isso nos parece indicar que é através do trabalho da memória¹⁰ e de sua reabilitação que poderemos articular com mais sabedoria os projetos de proteção e conservação, engajando-se no interior mesmo da ação coletiva em torno da recuperação de suas memórias sociais e naturais.

Uma prospectiva patrimonial digna desse nome deve se voltar para a memória dos grupos que compõem a nossa sociedade e para as pessoas que vivem o cotidiano, inseridos no tecido de suas relações imanentes. A memória dos grupos sociais e culturais – diferenciada em suas diferentes classes sociais, grupos étnicos, etc. – merece ser promovida e investida de modo a recuperar esquecimentos, mutismos, traumas históricos, num trabalho que se aproxima da análise do que Raymond Williams já chamou de *as estruturas de sentimentos* (WILLIAMS, 1979). Todavia, esse trabalho não deve ser feito sem o devido cuidado, pois não se trata de recuperar memórias traumáticas pelo gozo do sofrimento e da morbidez – efetivamente, tem cenas históricas que merecem ser esquecidas, mas para tal, no sentido de não serem repetidas, devem passar por um processo de *après-coup* – nem sucumbir para a neurose retentora do preservar tudo da memória, obstacularizando a possibilidade do novo e de novas significa-

ções; golpe fatal contra a criatividade artística e cultural. Não propomos aqui a petrificação da cena memorialista, nem a patrimonialização excessiva e neurótica, sintetizada no lema, hoje tão comum: “tudo é memória”! É preciso, pelo contrário, saber escolher, avaliar, e ter critérios para o trabalho político de gestão das memórias sociais e naturais. Pois, como disse Henri-Pierre Jeudy em entrevista concedida em Porto Alegre, em 2007: “Preservar a memória é uma aberração”!¹¹

No intuito de revelar de que maneira a gestão política do teatro das memórias se vincula aos mecanismos dialéticos da dominação e subalternidade na sociedade brasileira, faz-se necessário sugerir investigação e comparação do processo de socialização de cada um dos grupos sociais, culturais (étnicos) que compõem nosso tecido social. Porém, esse não é o objetivo deste artigo, que pretendeu apenas desenvolver alguns aspectos teóricos e metodológicos da possível dialogia com outras disciplinas e áreas do saber, a partir de pesquisa antropológica sobre os *novos patrimônios bioculturais*, na cidade de São Luís do Maranhão, que teve o Centro Urbano Antigo inscrito na Lista do Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1997.

A democratização do acesso à cidadania se intensificará no país pelo investimento na investigação das formas e dos mecanismos sociais que fazem com que negros, imigrantes, minorias e povos indígenas continuem sendo alijados da vida social plena. Tem-se que levar em conta as especificidades dos diferentes grupos de imigrantes que não realizaram o destino da integração sociocultural, pois nem todos estes grupos tiveram só facilidades na assimilação à sociedade nacional. O processo de “globalização” (IANNI, 2001) atual impõe um trabalho de recuperação das memórias de imigrantes, e dos demais grupos sociais e culturais, inaugurando uma verdadeira ‘etnologia da emergência’ (JEUDY, 1990).

Como se sabe, a política do patrimônio cultural no Brasil sempre foi elitista, predominando a visão erudita ou acadêmica que ocultou, durante décadas, os conflitos internos e intestinos sob a capa de harmonia forjada pela ideologia oficial. O Estado Nacional, seus aparelhos institucionais autoritários, nunca fez investimentos na memória dos grupos excluídos, derrotados, negados no processo histórico brasileiro. Houve sempre um descompromisso arrogante em relação à maioria da população, considerada analfabeta, ignorante, e sem sensibilidade artística para avaliar plenamente o significado de sua própria história e criação cultural. As memórias específicas e diferentes daquelas das elites dominantes – que em sua maioria são filhos dos imigrados que tiveram um processo mais rápido e harmônico de assi-

milação, adaptação e integração – foram sempre as memórias consagradas e preservadas com afincos e apuro científico.

Assim, como não poderia deixar de ser, a consequência dessa política foi negligenciar os patrimônios bioculturais¹² do povo brasileiro, salvando-se só uma pequena parte, inscritos nos Livros do Tombo do IPHAN – nos quais estão fossilizados os bens considerados simbólicos de um tipo de nacionalismo decadente (IANNI, 2001). Pois, é sabido, nos Livros do Tombo não se incluem as histórias e os monumentos da maioria da população brasileira. A reabilitação da memória dos trabalhadores, das mulheres, dos escravos, dos índios, dos outros grupos de imigrantes (que não tiveram tanta “felicidade” na integração), etc., ainda aguarda o momento de ser incorporada ao panteão patrimonial brasileiro.

Entretanto, ressalta-se que os chamados “novos patrimônios” exigem novos modos de proteção e promoção. Novas formas de preservação destes bens são imprescindíveis, pois se devem evitar os procedimentos que foram usados para a fossilização e petrificação dos bens coloniais aristocráticos de origem portuguesa, no país. Faz-se necessário recorrer a novos procedimentos – muito além do alcance limitado do hodierno *registro* do ‘patrimônio imaterial’ – que sejam verdadeiramente úteis à promoção, à recuperação e à proteção efetiva desses bens, através de uma política cultural que garanta sua dinâmica e seus processos de organização¹³.

A sociedade, para superar o recalque prematuro dos seus horrores e injustiças – num movimento que nos remete novamente ao mito de Perséfone – deve reinscrever esses traumas coletivos históricos, a partir de um processo terapêutico, numa verdadeira gestão política democrática do teatro das memórias¹⁴ sociais e naturais¹⁵. Esse trajeto se associa a dois procedimentos paralelos, necessários para o aprofundamento epistemológico da análise: a) de um lado a dialogia com a Psicanálise; especialmente no que se designa como *elaboração psíquica*, *perlaboração* e *a posteriori* (ou ainda *après-coup*); b) de outro lado, a dialogia com a História, investindo nas possibilidades criativas e políticas do *laboratório da história*¹⁶.

Em linha geral o que desejamos, de um ponto de vista utópico, é claro, não é anunciar uma nova política salvadora do patrimônio biocultural nacional. Nem tampouco, ensaiar mais um grito ingênuo contra todas as iniquidades que assolam o país. Nosso desejo é contribuir com as investigações científicas que buscam a superação deste estado de espírito deplorável: conformista, elitista e academista. O que espanta é a capacidade arlequinada, dos que se sustentam no poder, em sempre arrumar um jeitinho de mudando alguns nomes e termos – intan-

gível, imaterial... –, continuar mantendo tudo como está.

Em nosso trabalho, acreditamos na possibilidade de apostar numa utopística, e num novo momento democrático e autonomista: única forma de superar a tecnocracia e a sociotécnica do patrimonialismo dominantes. Para nós, uma das formas de fazer isso é investir na transformação das linguagens e práticas culturais; evitando projetos do tipo “educação patrimonial” (arrogantes e pseudo-românticos), museologia convencional, arquivos fossilizantes, monumentos arbitrários, reformas urbanas tecnocráticas, empreendedorismo mercantilista, designers modernizadores etc. Essas práticas feitas de ‘bom coração’ em nome da ‘inclusão social’, são práticas encobridoras de mecanismos de reprodução da lógica cultural dominantes. Para ir além, é preciso um esforço intelectual maior, mais autônomo, mais democrático. É preciso reabilitar, preservar e promover verdadeiramente, em diálogo com profissionais de várias áreas do conhecimento: o continente ainda submerso das memórias e histórias da maioria da população. Esse diálogo profundo, invocando uma unidade do campo epistêmico, e evitando a fragmentação nas retóricas dos diversos especialistas de plantão, é que, talvez, possibilite um trabalho novo em arquivos, eco-museus, bibliotecas públicas, centros culturais, jardins botânicos, parques naturais etc¹⁷. Pois, a memória dos trabalhadores, dos mendigos e párias, das prostitutas e homossexuais, dos escravos, dos meninos de rua, dos favelados, dos ciganos, dos loucos e dos enfermos, etc., poderão nos revelar novos saberes, contra-poderes (CORRÊA, 2009c), no sentido de evitar a petrificação e fetichização do passado – nos sintomáticos museus da pobreza e dos pobres –, mas de reavaliá-lo, reencontrá-lo, para, assim, tentar não repeti-lo¹⁸.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nesse sentido que propusemos um paralelo com a Mitologia e a Psicanálise; dialogia libertadora do paradigma fragmentador dominante. No momento em que apresentamos uma reflexão da memória, sugerindo um novo movimento terapêutico integrador – melhor dizendo, um movimento de trabalho de elaboração dos traumas históricos do passado, tendo em vista uma *outra memória* – nos aproximamos do que os psicanalistas chamam de *après-coup*, ou *a posteriori*; e também do que está presente na Mitologia grega. Assim, talvez reencontrássemos, nessa aposta, o sentido da memória e do passado, trabalhando com o que nos ensina a Mitologia há séculos, e a Psicanálise há cem anos, e, dessa maneira, tentarmos superar as grandes

dificuldades do presente.

Parece-nos que o investimento nas memórias dos grupos aliados da vida social plena recuperará a dignidade de nosso país, e quebrará definitivamente o esquema nuclear e central do sistema (pacto) colonial que nos oprime historicamente, constituindo e reproduzindo hoje uma das sociedades mais injustas do planeta. É a reabilitação política e ética da memória social e cultural brasileira, a recuperação da história da população – com a redefinição de um eixo teórico e social para o patrimônio cultural e natural – que nos dará condições para reencontrar o sentido de nosso passado e de nossas identidades culturais e sociais. Óbvio, que tudo isso tendo em vista a aposta numa sociedade verdadeiramente democrática, isto é, em um lugar em que todos têm direito a cidadania, a dignidade social e aos direitos culturais e ambientais¹⁹. Esse é o verdadeiro desafio do 'país do futuro' e do 'país sem memória': superar os obstáculos sociais e culturais que impossibilitam a mirada libertadora de um passado mal resolvido e que persiste em continuar se reproduzindo, indefinidamente injusto (CORRÊA, 2006).

O mito de Perséfone foi aludido, pois parece ser esse o nosso ponto fundamental. O *retorno do recalado* referido é aquele que coloca em questão o retorno do que foi, e ainda é, encoberto. Nossa sociedade, é hoje, o lugar privilegiado para se estudar esses processos de encobrimentos e recalques coletivos e individuais. Um país com uma das piores políticas de distribuição de renda do mundo, no qual a maldade, a corrupção, a delinquência se reproduzem com tanta facilidade, deve enfim colocar essas reflexões na ordem do dia, no centro de suas preocupações científicas e sociais contemporâneas (BIRMAN, P., 1997 e BIRMAN, J., 2009). O trabalho de elaboração dos conteúdos socioculturais recalcados nos indica que a refundação do 'pacto social e pacto edípico' em nosso país, é mais que necessário, é urgente e significa nossa sobrevivência enquanto nação²⁰.

Na pesquisa que realizamos, em São Luís, (CORRÊA, 2001), com resultados publicados mais recentemente no livro *Patrimônios Bioculturais* (CORRÊA, 2008) percebemos que no tocante ao patrimônio, um trabalho de elaboração²¹ sociocultural e política da cidadania deve recuperar as memórias dos grupos sociais formadores de nossa sociedade e promover novas políticas de pesquisas e salvaguardas culturais no Brasil.

Assim, à guisa de conclusão, almejamos com o uso da expressão "retorno do recalado", enfatizada no texto, colocar em questão o

retorno do que foi negado, reprimido, esquecido, excluído historicamente na 'montagem'²² ideológica da memória oficial. Essas idéias se aproximam de duas fontes convergentes: a) a primeira com a leitura do mito de Perséfone; b) a segunda se aproxima do que escreveu Michael Pollak, em relação às memórias subterrâneas dos que sofreram o sentimento do absurdo e do abandono, depois da II Guerra na Europa:

No momento do retorno do reprimido, não é o autor do "crime" (a Alemanha) que ocupa o primeiro lugar entre os acusados, mas aqueles que, ao forjar uma memória oficial, conduziram as vítimas da história ao silêncio e à renegação de si mesmas (POLLAK, 1988, p. 07)²³.

Trata-se, portanto, de propor urgentemente uma nova 'cenografia gestinária', uma nova teatralização da vida social e natural que ultrapasse a política da memória oficial. É preciso recolocar em cena os símbolos de uma verdadeira heterologia cultural, como escreveu Jeudy (1990), isto é, uma promoção das "diferenças ativas". Ou, recuperando a tese freudiana: "a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, e está registrada em diversas variedades de signos".

As sociedades latino-americanas são lugares privilegiados para se investigarem os processos cruéis de negação e de silenciamento das diferenças culturais e sociais. Um país, como o nosso, com uma população historicamente empobrecida, tem o dever ético de colocar essa reflexão no centro de todos os debates científicos e sociais. Percebemos que, no que se refere às políticas do patrimônio, a verdadeira 'cidadania cultural' está em reabilitar as memórias dos grupos sociais formadores de nossa sociedade e promover novas políticas autonomistas para os grupos sociais marginalizados. Talvez seja esse o caminho para sairmos do labirinto de Dédalo, herdado de um século XX recalitrante (BALANDIER, 1995). Quem sabe, enfrentando as encruzilhadas da memória e do patrimônio com mais lucidez, e menos fetichismo passadista, inauguraríamos uma nova fase – uma *outra cena* – no gerenciamento político do teatro das memórias sociais e naturais nos países do hemisfério sul.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro através do Edital MCT/CNPQ 14/2008 Universal Processo 470333/2008-1.

NOTAS

1. Conceito de transdisciplinaridade que se inspira especialmente nos trabalhos de Edgar Morin (1992, 2003).
2. CRISOL, endereço de Blog na Internet: <http://gpeculturais.blogspot.com>
3. Como escreveu Naffah, trata-se do "apagamento inconsciente da memória, associado a uma cicatrização superficial, [que] Freud nos ensinou a chamar de recalçamento" (NAFFAH NETO, 2001, p. 56).
4. A idéia de criar um Livro do Registro dos Saberes para inscrição dos patrimônios ditos imateriais, demonstra exemplarmente a necessidade do velho paradigma ocidental cartesiano de dicotomizar a realidade, separando o material do imaterial, a natureza da cultura, assim por diante. Isso se explica também como escreveu a psicanalista Adriana Cajado: "Como está recalçada a idéia, o afeto desligado desta se fixa em outros objetos, mas sempre de maneira precária" (COSTA, 2000).
5. Mantenho este termo apesar do tom pejorativo que ainda carrega seu uso indiscriminado. Creio que é melhor manter o sentido usado por Mário de Andrade a partir de 1936, quando significava a *arte popular* e a *arte indígena* brasileira. Sobre esse ponto polêmico ver minha tese de doutorado *Vilas, Parques, Bairros e Terreiros*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2001; sendo publicada em 2003 e posteriormente em 2008 (CORRÊA, 2008).
6. Processo descrito exemplarmente por Frederic Jamenson, no livro já clássico *Pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo avançado* (1996).
7. Tema desenvolvido no artigo *O labirinto dos significantes na cultura barroca* (CORRÊA, 2009).
8. "O que permanece recalçado nunca pode ser visto, o retorno do recalçado torna a idéia inconsciente em consciente e assim reformula toda a concepção, ou seja, será necessário que haja uma nova significação (re-inscrição – ver citação da correspondência de Freud à Fliess) do vivido para incluir este novo elemento (*novos patrimônios*), num trabalho de *perlaboração*, ou de *après-coup* (COSTA, 2000).
9. Ver texto de Catherine Backès-Clement: *Antropologia e Psicanálise*. Pode ser encontrado na obra *Antropologia: ciência das sociedades primitivas?* Organizado por Jean Copans (COPANS, S/D).
10. Designamos como um "trabalho da memória" (*après-coup*), a elaboração e recuperação de 'arquivos' das memórias recalçados pela ordem dominante. Como escreveu H-P Jeudy, "os traços mnésicos são indefinidamente remanejados, transformados em função de experiências novas e atuais" (JEUDY, 1990, p. 141).
11. Entrevista concedida por ocasião do Ciclo de Conferências no evento *Fronteiras do Pensamento*, realizado em Porto Alegre, PUC/RS, em 2007. Mais informações, ver na página do Blog CRISOL. Disponível: <http://www.blogger.com/post-edit.g?blogID=32679242&postID=8244121737586886486>
12. Na minha tese de doutorado defendi o conceito de *patrimônios bioculturais*, definidos como "a organização dos indivíduos e as suas relações com o

tudo da natureza. Uma antropologia do patrimônio tem de partir das bases naturais e da sua modificação ao longo da história pela ação da espécie" (CORRÊA, 2001).

13. O debate sobre as propostas de salvaguarda dos chamados bens e acervos do patrimônio cultural imaterial se encontra nos textos publicados pelo autor (CORRÊA, 2003, 2006, 2008).

14. Sobre a idéia de um Teatro da Memória: "A palavra 'teatro', como se sabe, privilegiando a visualidade, conserva sua vinculação etimológica à família do verbo grego *theáomai*, ver. Assim, estas coleções de objetos materiais da mais diversa espécie, organizadas pelos príncipes e senhores renascentistas, funcionavam como paradigmas visuais que recriavam simbolicamente a ordem do mundo e o espaço do exercício de seu poder" (MENESES, 1994, p. 09).

15. Com relação as memórias naturais faço referência aos trabalhos de Rupert Sheldrake, com sua teoria dos *campos morfo-genéticos* (SHELDRAKE, 1997).

16. Designo como um "trabalho da memória" (*après-coup*), a elaboração e recuperação de 'arquivos' das memórias recalçados pela ordem dominante. Como escreveu H-P Jeudy, "os traços mnésicos são indefinidamente remanejados, transformados em função de experiências novas e atuais" (1990, p. 141) Nesse sentido quando se pensa na contribuição da etnologia para o estudo dos patrimônios coletivos, vislumbra-se o esboço de uma futura teoria do gerenciamento político do teatro das memórias sociais. Um *Theatrum Memoriae* que pressupõe um "Laboratório da História", no qual se faz os estudos preliminares para o gerenciamento político do teatro das memórias. Esse trabalho deve ser anterior a *mise en scène*, e ao "espetáculo que evoca, celebra e encultura". O Laboratório da História é condição de todo trabalho de gestão pública da memória coletiva. Portanto, não creio haver apenas uma opção excludente do tipo: "em vez de teatro, laboratório", como defendeu Ulpiano Bezerra (MENESES, 1994, p. 41). Assim, para nós é possível incorporar o *Laboratório da História no Teatro das Memórias Sociais*.

17. Esse momento é importante, pois se trata de enfrentar o conservadorismo estabelecido tradicionalmente na cena museológica nacional e mundial. Fato constatável com a escolha do tema do Dia Mundial de Museus (ICOM) e da VIII Semana Nacional de Museus (IBRAM) do ano de 2010: *Museus para a Harmonia Social!!!*.

18. Faço referência aqui aos trabalhos de reabilitação social das meninas e meninos de rua, da recuperação de mendigos, dos movimentos dos sem-teto e dos sem-terra, etc. que são exemplos de mudança no eixo da percepção política – o que deve influir sobre as políticas culturais, em especial as que se ligam ao patrimônio cultural e natural.

19. Para os que consideram a palavra 'democracia' gasta e vazia, sugerimos a leitura dos textos de Castoriadis indicados na referência bibliográfica.

20. Nesse particular temos posição próxima do psicanalista Hélio Pellegrino, que em 1968, apresentou num Congresso em Santiago do Chile sua tese. Em 1983, escreveu: "A ruptura com o pacto social, em virtude de sociopatia grave - como é o caso brasilei-

ro - pode implicar a ruptura ao nível do (sic) inconsciente, com o pacto edípico. Não nos esqueçamos que o pai é o primeiro e fundamental representante da lei da cultura. Se ocorre por retroação uma tal ruptura, fica destruído no mundo interno, o significante paterno, o nome-do-pai, e em consequência o lugar da lei" (PELLEGRINO, 1983, p. 9-11).

21. Uso o termo *resgate* para designar um "trabalho da memória". Diferentemente da posição de Ulpiano Menezes (2000, p. 91-101).

22. Como é sabido, "em Benjamin, (...) o conceito de história está ligado ao de montagem. Para ele a história é algo que deve ser construída, no presente, com os fragmentos do passado, pois, somente dessa forma a experiência histórica da modernidade seria possível, e ao historiador materialista caberia perceber as ligações que sua própria época estabelece com as anteriores". Cássio dos Santos TOMAIM, *Cinema e Walter Benjamin: para uma vivência da descontinuidade. Estudos de Sociologia*, Araraquara, 16, 101-122, 2004. Disponível: http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/16/06tomaim.pdf

23. Lembro a semelhança particular desse processo com o que aconteceu na história recente do povo chileno. Trata-se do *juízo de Augusto Pinochet*, que ilustra bem o "conflito entre memória e esquecimento e sua conformação na elaboração de traumas coletivos" (NAFFAH NETO, 2001).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Papirus, 1994.

BALANDIER, Georges. Dédalo: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

BIRMAN, Patrícia (Org.). O mal à brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

BIRMAN, Joel. Cadernos sobre o mal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BURN, Lucilla. Mitos gregos. São Paulo: Moraes, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2003.

CASTORIADIS, C. As Encruzilhadas do Labirinto. Vol. II - Os domínios do Homem. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. As Encruzilhadas do Labirinto. Vol. III - O mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

_____. Figuras do pensável. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

_____. Una sociedad a la deriva. Buenos Aires: Ed. Katz, 2006.

COSTA, Adriana Cajado. A escuta psicanalítica do sujeito psicótico. Projeto de Pesquisa. São Paulo: PPGPCL/PUC/SP, 2000.

COPANS, Jean (Org.). Antropologia: ciência das sociedades primitivas? Viseu: Edições 70, S/D.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Teatro das memórias sociais e do patrimônio biocultural: pesquisa antropológica na região metropolitana de São Luís/MA. Projeto de Pesquisa (2006) [2008-2010]. Disponível: <<http://teatrodasmemorias.blogspot.com>>: Acesso em: 3 jan. 2010.

_____. Registro: a nova figura jurídica para o patrimônio cultural imaterial brasileiro. In: ABA, 21., Brasília, DF: UnB, 2003.

_____. Teatro das memórias e do patrimônio cultural: a educação patrimonial em perspectiva. In: LIMA FILHO, Manuel & BEZERRA, Márcia. Os Caminhos do Patrimônio no Brasil. Goiânia: Ed. Alternativa, 2006. p. 69-88.

_____. Patrimônios bioculturais na hipermodernidade. Revista Pasos de Turismo y Patrimonio Cultural. Universidad de La Laguna, España. v. 5, n. 2, págs. 243-251, abr. 2007. Disponível: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/881/88150208.pdf>>.

_____. Patrimônios bioculturais: ensaios de antropologia do patrimônio cultural e da memória social. São Luís: EDUFMA/Núcleo de Humanidades, 2008.

_____. O labirinto dos significantes na cultura barroca. Psicanálise & Barroco em revista. v.7, n. 2: 12-34, dez. 2009a. Disponível: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/14/P&Brev14Correa.pdf>.

_____. Museu mefistofélico e a distabuação da magia: análise do tombamento do primeiro patrimônio etnográfico do Brasil. São Luís: EDUFMA/PGCult, 2009b.

_____. O saber patrimonial e a arqueologia de Michel Foucault: princípios metodológicos de uma análise crítica e política dos conceitos. Revista Pasos de Turismo y Patrimonio Cultural. v. 7, n. 1, p. 115-125. 2009c. Disponível: <http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109_9.pdf>.

_____. Teatro das memórias: entre o passado e o futuro. Revista Pasos de Turismo y Patrimonio Cultural. v. 8, n. 2, pgs. 363-373. 2010. Disponível: <http://www.pasosonline.org/Publicados/8210/PS0210_09.pdf>.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991

CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Moraes, 1984.

FREUD, Sigmund. 1896. Carta 52. Obras Completas. v. 1, 2. ed., 10. reimp. Buenos Aires: Amorroutu, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Retórica da perda. Rio de Janeiro: IPHAN/UFRJ, 1996.

IANNI, Otávio. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIPOVETSKY, Gilles. Era do vazio. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Os "usos culturais" da cultura: para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In, IAZIGI, E. (Org.) Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec/FINEP, 1996.

MORIN, Edgar. O método IV. Lisboa: Europa-América, 1992.

_____. Religação dos Saberes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAFFAH NETO, Alfredo. O julgamento de Augusto Pinochet: idéias sobre a relação memória-esquecimento na elaboração de traumas coletivos. Revista Latinoamericana de Psicologia Fundamental, v. 4, n.3, São Paulo: Escuta, 2001.

PELLEGRINO, Hélio. Pacto edípico e pacto social. Folhetim, *Folha de São Paulo*, n. 347, 11 set, 1983. Folhetim, p. 9-11.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos Nº3. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Arte e Cultura Popular. Nº 28. Rio de Janeiro, 1999.

SHELDRAKE, Rupert. In, Vídeo: Arte, Ciência e Espiritualidade. TV Cultura. 11/03/1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1979.